RELATOS DE EXPERIÊNCIA

ATIVIDADE GRUPAL NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL: VIVÊNCIAS NO GRUPO DE SOCIOTERAPIA DO BAIRRO GLÓRIA – IJUÍ/RS

Leila Mariza Hildebrandt*
Marinês Tambara Leite
Solange Maria Schmidt Piovesan

RESUMO

Este artigo visa apresentar a experiência desenvolvida por professores e acadêmicos do Curso de Enfermagem da UNIJUI, junto a um grupo de pacientes psiquiátricos crônicos, denominado Grupo de Socioterapia do Bairro Glória. Esta atividade tem por objetivo criar um espaço de sociabilidade para as pessoas portadoras de doença mental, de caráter crônico. Este trabalho vem acontecendo desde 1995, com encontros semanais de duas horas de duração. Dentre as atividades propostas pelos integrantes do grupo estão pintura em tecido, jogos, trabalho em argila e madeira, passeios, festas, entre outras. Estas tarefas servem de mote para a comunicação intragrupal, reforçando a socialização. Consideramos que esta modalidade de intervenção facilita a integração social, resgata a subjetividade comprometida pela doença mental e potencializa as capacidades pessoais..

Palavras-chave: Grupo. Saúde mental. Enfermagem.

GROUP ACTIVITIES IN THE MENTAL HEALTH FIELD: EXPERIENCES IN THE SOCIOTHERAPY GROUP IN GLORIA NEIGHBORHOOD – IJUÍ/RS

ABSTRACT

This article intends to present the experience developed by professors and academics from the UNIJUI Nursing course with a group of chronic psychiatric patients, which is denominated Group of Socioterapy from Gloria Neighborhood. This activity wants to create a sociability space to people with chronic mental diseases, and it has been developed since 1995 with a two-hour weekly meeting. Cloth painting, games, works in wood and clay, strolls and parties are some of the activities proposed by the members of the group. These tasks stimulate intra-group communication, intensifying the socialization. We think that this form of intervention facilitates the social integration, recovers the subjectivity endangered by the disease and potentiates personal abilities.

Key words: Group. Mental health. Nursing.

ACTIVIDAD GRUPAL EN EL CAMPO DE LA SALUD MENTAL: VIVENCIAS EN EL GRUPO DE SOCIO-TERAPIA DEL BARRIO GLÓRIA – IJUÍ/RS

RESUMEN

Este artículo busca mostrar la experiencia desarrollada por profesores y estudiantes del Curso de Enfermería de la UNIJUI, al lado de un grupo de pacientes psiquiátricos crónicos, denominado Grupo de Socio-terapia del Barrio Glória. Esta actividad tiene por objetivo crear un espacio de sociabilidad para las personas portadoras de enfermedad mental de carácter crónico. Este trabajo comenzó en 1995, con encuentros semanales de dos horas de duración. Entre las actividades propuestas por los integrantes del grupo están la pintura en tela, juegos, modelado en arcilla y madera, paseos y fiestas, entre otras. Estas tareas sirven de vehículo para la comunicación intra-grupo, reforzando la socialización. Consideramos que esta modalidad de intervención facilita la integración social, rescata la subjetividad comprometida por la enfermedad mental y potencia las capacidades personales.

Palabras Clave: Grupo. Salud mental. Enfermería.

* Enfermeira, docente do Curso de Enfermagem do Departamento de Ciências da Saúde, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, coordenadora do Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia e do Grupo de Socioterapia do Bairro Glória – Ijuí/RS.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade descrever a experiência desenvolvida pelos professores e acadêmicos do Curso de Enfermagem da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, junto ao Grupo de Socioterapia do Bairro Glória – Ijuí/RS.

A idéia de criação do Grupo surgiu em 1995, a partir da constatação de que havia um expressivo número de pacientes psicóticos crônicos, que buscavam atenção junto ao Serviço Ambulatorial de Saúde Mental do Município de Ijuí. Nesse local, esses pacientes compareciam para obter acompanhamento do profissional médico, enfermeiro, psicólogo e assistente social. Como docentes e acadêmicos do Curso de Enfermagem, desenvolvíamos atividades práticas da disciplina de Enfermagem em Saúde Mental neste serviço e mantínhamos contato direto com estes pacientes, quando percebemos que eles necessitavam de um espaço em que pudessem socializar suas vivências, sentir-se reconhecidos como sujeitos e, concomitantemente, formar novos vínculos.

Um grupo de socialização poderia, a nosso ver, dar conta dos problemas de comunicação, exclusão e estigmatização vivenciados por este contingente populacional. Dessa forma, o espaço seria um meio utilizado para estimular o exercício da comunicação, possibilitando o estabelecimento de vínculos e a reinserção social desses indivíduos.

Esta concepção está em consonância com os pressupostos da Reforma Psiquiátrica Brasileira, que preconiza, no dizer de Amarante (1999), a criação de novas formas de intervenção sobre a doença mental, contrapondo-se aos princípios do paradigma da psiquiatria clássica.

DESCREVENDO A TRAJETÓRIA DO GRUPO

Considerando-se o exposto acima, foi discutida a possibilidade de formar um grupo de socioterapia com o objetivo de criar um espaço de sociabilidade para as pessoas portadoras de doença mental, de caráter crônico. Para atender ao objetivo proposto, elaboramos um projeto que previa a organização funcional, a estrutura física e o desenvolvimento das atividades socioterápicas sugeridas pelos membros do

grupo (coordenadores e pacientes). Dentre as atividades possíveis de efetuar estavam pintura em tecido, jogos, bordados, confecção de tapetes, trabalho em argila, marcenaria, dentre outras. Essa idéia nos pareceu interessante e possível de ser operacionalizada naquele momento.

A proposição de tal atividade baseia-se na orientação de Contel (1997), quando afirma que oficinas terapêuticas constituem-se em um método útil e eficiente para a mobilização terapêutica de pacientes psicóticos crônicos. O autor entende que a associação da terapia ocupacional e a psicofarmacologia tem aplicabilidade eficiente no tratamento de psicóticos crônicos. Esta modalidade de tratamento possibilita a promoção da expressão verbal, a diminuição do sentimento de isolamento e o incentivo à cooperação entre os integrantes do grupo, melhorando a auto-estima, o reforço da noção de realidade externa, o estímulo à relação interpessoal, o resgate da responsabilização e o encorajamento para prosseguir no grupo e no tratamento.

Com base neste pressuposto, fizemos um levantamento dos pacientes psicóticos crônicos que freqüentavam o serviço de saúde mental local e constatamos que grande parte era oriunda de um dos bairros do município, Bairro Glória. A partir de então, discutimos algumas alternativas que favorecessem a implantação do projeto elaborado. Conversamos com a coordenação do Serviço Ambulatorial de Saúde Mental do Município e com a chefia do Departamento de Ciências da Saúde – UNIJUI, que concordaram com sua execução.

Este projeto definiu a denominação do grupo como *Grupo de Socioterapia do Bairro Glória*. É importante colocar que, dentre as modalidades grupais, este se caracteriza por ser um grupo do tipo operativo-comunitário-terapêutico. A classificação como operativo se justifica, no dizer de Zimerman e Osório (1997), pelo fato de que seu funcionamento está centrado em uma determinada tarefa – socialização. Para estes autores, o grupo comunitário visa beneficiar indivíduos de uma determinada comunidade, possibilitando resgatar suas capacidades positivas. Constitui-se em um grupo terapêutico por permitir a melhora de

alguma situação patológica, orgânica, psíquica ou de ambas.

A partir disso, selecionamos quinze pacientes, seguindo os critérios: residir no Bairro Glória e ser portador de uma doença mental de caráter psicótico, com comprometimento social. A equipe vinculada ao serviço de saúde mental do município nos auxiliou nessa seleção, pois conhecia os pacientes que acessavam o serviço local.

Assim, realizamos visitas domiciliárias às pessoas selecionadas e as convidamos para participar do primeiro encontro. Por ocasião desta visita explicitamos o objetivo do grupo, enfatizando a importância de sua presença e que sua participação poderia trazer benefícios para eles, suas famílias e às pessoas de seu círculo social.

A definição do número de participantes segue o preconizado por Zimerman (2000), quando descreve que o tamanho de um grupo não deve colocar em risco a comunicação visual, auditiva e conceitual entre seus integrantes, sugerindo o ingresso de, no máximo, quinze pessoas. Corroborando o ponto de vista desse autor, Munari e Rodrigues (1997, p. 26) colocam que “um número excessivo de participantes pode prejudicar o atendimento das necessidades dos membros, bem como dificultar a própria coordenação e até ser um fator antiterapêutico”.

Logo após, providenciamos um lugar onde os encontros pudessem ser realizados. Procuramos um local próximo à residência dos pacientes, que facilitasse seu acesso, fosse amplo e sempre estivesse disponível no mesmo dia e horário da semana. Entramos, então, em contato com a diretoria da Igreja Católica do referido bairro que, prontamente, se mostrou disposta a viabilizar um espaço. Assim, foi cedido o salão paroquial dessa igreja, que é o ambiente utilizado até o presente momento. O espaço físico é amplo e as atividades são realizadas em uma mesa grande. Todos os membros podem circular, ver o que o seu companheiro está fazendo e conversar com ele. Isso, sob a nossa ótica, é extremamente positivo e está de acordo com os objetivos a que nos propomos: promover a socialização de pessoas doentes mentais.

No primeiro encontro, retomamos o objetivo do grupo e discutimos a respeito do horário, dia da semana e local em que seriam realizadas as reuniões. Combinamos, então, que nos encontraríamos todas as quintas-feiras, das 14 às 16 horas, tendo como local o Salão Paroquial da Igreja Católica do Bairro Glória. Além disso, tratamos das regras de funcionamento do grupo, como: respeito entre os integrantes, sigilo, responsabilidade, número e inserção dos participantes no grupo, bem como as atividades que seriam desenvolvidas. Esta deliberação é denominada por Zimerman e Osório (1997), como “enquadre grupal”, que se caracteriza pela soma dos requisitos que organizam, normatizam e propiciam o funcionamento grupal.

Inicialmente, houve falta de alguns pacientes e dificuldades para entender a dinâmica de funcionamento do grupo. Isto nos levou a retomar, por várias vezes, o objetivo e as questões referentes ao enquadre grupal, pois eles entendiam que as atividades propostas eram semelhantes àquelas que, habitualmente, ocorriam naquela comunidade, ou seja, palestras, aulas ou conferências no formato de um curso. Foram realizadas novas visitas domiciliárias para os faltosos, visando incentivar o retorno destes ao grupo, iniciativa exitosa, pois verificamos que, com o passar do tempo, as faltas foram diminuindo e as pessoas passaram a participar efetivamente dos encontros.

No início, alguns familiares acompanhavam os pacientes, em função das limitações destes para sair sozinhos, e ficavam presentes nos encontros. Associadas a estas dificuldades apresentadas pelos pacientes, havia também a deficiência de vínculos sociais e a presença de alterações motoras, decorrentes do uso contínuo e prolongado de medicação antipsicótica.

Após o primeiro ano de funcionamento do grupo, o profissional vinculado ao Serviço de Saúde Mental do Município afastou-se e a coordenação ficou, exclusivamente, a cargo dos enfermeiros docentes do Departamento de Ciências da Saúde/UNIJUÍ, ao qual o Grupo de Socioterapia do Bairro Glória está, até hoje, vinculado.

Atualmente, o grupo conta com dez pessoas que freqüentam os encontros rotineiramente; três coordenadoras, docentes do Curso de Enfermagem – área de saúde mental e

gerontologia; e a participação de acadêmicos de enfermagem que compõem o Grupo de Estudos em Saúde Mental e Gerontologia do Departamento de Ciências da Saúde da UNIJUI.

No Grupo de Socioterapia ocorre, também, o desenvolvimento de atividades práticas da disciplina de Enfermagem em Saúde Mental do Curso de Enfermagem da UNIJUI. Ao mesmo tempo, acadêmicos do Curso de Psicologia dessa universidade, esporadicamente, realizam estágios voluntários nesse espaço. Além disso, profissionais adstritos a serviços de saúde mental de outros municípios buscaram conhecer a experiência aí desenvolvida, com o objetivo de implementar esta modalidade de intervenção em seus locais de trabalho.

Hoje, percebemos que os integrantes do Grupo de Socioterapia parecem ter clareza da dinâmica de funcionamento e seu objetivo, pois participam efetivamente na organização e realização das atividades desenvolvidas. Fatos importantes a ressaltar são o vínculo e a sociabilidade entre os membros, assim como a melhora de seus quadros clínicos. Além do mais, há preocupação e compromisso com o grupo, manifesto através de ações solidárias como, por exemplo, comunicar quando houver a necessidade de faltar ou de trazer um dos participantes para a atividade, quando este não consegue vir só. O grupo constitui-se, também, em um local de referência para os pacientes e familiares, pois quando estão enfrentando situações estressantes no seu cotidiano, recorrem a este espaço, buscando suporte.

Estes encontros oportunizam, na verdade, uma relação de ajuda, definida por Rogers (1997) como uma situação em que se busca resgatar os recursos internos de cada sujeito através do relacionamento interpessoal. Rodrigues (1996) e Benjamin (1996) reforçam essa concepção ao afirmarem que, se a pessoa, ao experimentar uma situação de crise, tiver a possibilidade de compreendê-la adequadamente, possivelmente terá condições de enfrentá-la e modificá-la. Considerando essas premissas, esperamos, ao promover a inter-relação entre os integrantes do grupo, que cada um possa compartilhar suas experiências e identificar potencialidades próprias para o enfrentamento das dificuldades cotidianas decorrentes do processo de adoecimento.

No decorrer da atividade grupal, cada componente realiza a tarefa que melhor lhe convier. Trocam idéias em relação ao que estão fazendo, conversam sobre suas doenças, seus familiares, o uso da medicação, enfim, sobre o seu cotidiano. A expressão de sentimentos e o compartilhar de uma parte de si com os outros são aspectos que contribuem para a eficiência do grupo como elemento terapêutico. Estes aspectos são denominados por Munari e Rodrigues (1997), citando Yalom, como “fatores curativos”. Além disso, ocorre o reforço à coesão grupal, pois se estabelece um vínculo entre todos os componentes do grupo.

Nas reuniões os participantes possuem algumas atribuições, como distribuir os materiais na mesa no início das atividades, guardá-los e manter o salão limpo ao término da tarefa. Além dessas desenvolvem a de socializar/dividir alguns materiais, como tinta de tecido, linha de bordado, lápis de cor, giz de cera, entre outros. Quanto às responsabilidades dos participantes, elas foram pactuadas no decorrer de nossas convivências, a partir de situações concretas do cotidiano do grupo.

Alguns membros conseguem inter-relacionar-se melhor, enquanto outros se mostram mais regressivos, com dificuldade maior de comunicação. Considerando este aspecto, os coordenadores buscam estimular a participação de todos, discutindo assuntos de seus interesses e respeitando sempre a individualidade de cada um.

Também são programadas atividades para serem desenvolvidas fora do local previsto para as reuniões, mediante sugestões do grupo, como: passeios, piqueniques, festas, entre outras. Tais atividades são programadas pelo grupo com antecedência, já que, em muitas situações, precisamos providenciar meios para sua viabilização. Mesmo algumas realizadas no salão são programadas antecipadamente, como festas de aniversário, festas de páscoa e natal.

O contato dos coordenadores do grupo com a família do doente mental é pontual. As visitas domiciliares são realizadas a pedido do paciente, ou quando ocorrem faltas frequentes não comunicadas aos participantes. Alguns familiares permanecem no local de desenvolvimento das atividades realizadas pelo grupo, auxiliando em sua execução. Esse

também é um momento em que voltamos nossa atenção ao familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que esta modalidade de intervenção tem suas raízes vinculadas a uma proposta alternativa de atendimento ao doente mental, centrada na valorização do indivíduo e no acolhimento em suas necessidades socioafetivas, com perspectivas de criar um espaço para melhorar a qualidade de vida destes sujeitos.

O trajeto até aqui percorrido é fruto das experiências/vivências das coordenadoras do grupo, e além disso, do compromisso ético com os princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. No entanto, caminhamos com limitações, tanto de caráter estrutural como pedagógico, e no cotidiano temos buscado alternativas para contornar os problemas que delas advêm.

REFERÊNCIAS

- AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida**: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.
- BENJAMIN, Alfred. **A entrevista de ajuda**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CONTEL, José Onildo B. Psicoterapia de grupo para pacientes internados e egressos. In: ZIMERMAN, David E.; OSÓRIO, Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. cap. 24, p. 269-279.
- MUNARI, Denise Bouttelet; RODRIGUES, Antonia Regina Furegato. **Enfermagem e grupos**. Goiânia: AB, 1997.
- RODRIGUES, Antonia Regina Furegato. **Enfermagem psiquiátrica- saúde mental**: prevenção e intervenção. São Paulo: EPU, 1996.
- ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ZIMERMAN, David E.; OSÓRIO, Luiz Carlos. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Endereço para correspondência: Rua dos Carajás, 82, Bairro Pindorama, Cep 98700-000, Ijuí-RS.
E-mail: leilah@unijui.tche.br

Recebido em: 18/02/2003

Aprovado em: 23/04/2003